

Uma Análise Alquímica sobre a Personalidade e Identidade em "O Cavaleiro de Bronze"

Rafael Resende Daher

DOI: 10.5281/zenodo.20680964

Cadernos Agora, v.3 n.5 (2026)

Um pequeno poema de Pushkin ainda desperta o interesse de leitores: "O Cavaleiro de Bronze", onde Pedro, o Grande, possui imagem mais complexa em comparação com a forma como é retratado em suas outras obras.

Na breve introdução e nos dois breves capítulos seguintes do poema, temos descrições de imagens cinzeladas, detalhes, superfícies convexas e recuadas, preservando a dinâmica de uma vida passada, em uma surpreendente viagem épica. Mas a paisagem da cidade de São Petersburgo, de Pushkin, é repleta de símbolos: a descrição dos "dias de primavera", mais característicos da vida e da cultura russa, quando o rio "*tendo quebrado o seu gelo azul se alegra*"¹; "*nas noites brancas, quando nos céus dourados, uma madrugada corre para substituir a outra, dando lugar à noite.*"²

Mas é a descrição da vida agitada e dinâmica da cidade que representa o pano de fundo dos acontecimentos do poema. Mas mesmo na imagem do desfile militar, em sua beleza monótona, Pushkin introduz tais detalhes: "as bandeiras extravagantes da vitória, o brilho dos chapéus de cobre, perfurados em batalha".

O conflito entre os dois heróis do poema ainda é motivo de controvérsia. Desde a época de Belinsky, contemporâneo do poeta, estabeleceu-se uma tradição de considerar Eugênio, no poema, como a personificação do "particular" em relação "ao geral", expresso na imagem de Pedro, o Grande. Belinsky acreditava que na aparição de Pedro "não se tratava de uma invenção personificada, mas de uma vontade racional", e que o poema "se baseia na imagem do grande protótipo da Rússia". Em estudos posteriores, isso resultou na ideia de um "homenzinho", digno apenas de piedade, e até mesmo de uma pessoa "insignificante". Essa interpretação do personagem de Eugênio redirecionou as questões

¹ in. Поэмы (Иллюстрированное издание): Руслан и Людмила, Цыганы, Медный всадник, Полтава, Кавказский пленник, Бахчисарайский фонтан, Анджело, Братья разбойники. Александр Сергеевич Пушкин. Animedia Company, p. 118, 2016.

² ibid.

históricas do poema para o czar Pedro, incluindo o segundo herói do círculo de pensamentos sobre os destinos históricos da Rússia. Assim, num dos novos estudos, Eugênio é considerado uma pessoa “obscura”, “desconhecida”, que nada sabe sobre o passado glorioso da sua família, embora no poema ele nunca lamente por seus parentes falecidos ou por seus esquecidos nos tempos antigos, pois está ocupado com as preocupações do presente, tentando alcançar sua felicidade.³⁴

O conflito no poema é naturalmente estudado no contexto alquímico, onde ampliamos o sentido do contraste entre os dois heróis para a “bipolaridade” dos três elementos: “natureza, estado, homem”, que estão mutuamente correlacionados, como os seres vivos e ao mesmo tempo como símbolos mitológicos. A natureza e a característica harmoniosa da causa civilizadora e a ameaça a ela; o Estado é ao mesmo tempo um poder civilizador e destrutivo que não leva em conta nem a natureza nem o homem, mas o homem é ao mesmo tempo uma criatura dotada de responsabilidade para com os ancestrais e descendentes, e uma pessoa fatalmente fechada na vida privada. E embora Eugênio seja tradicionalmente considerado um herói insignificante, podemos perceber em sua história o elevado significado da humanidade integral, revelado em sua existência diante da experiência de sua consciência individual.

A maioria dos estudos fala da criação de Pedro, desta cidade, enfatizando os motivos míticos e poéticos da criação do mundo como fonte de inspiração.

Novamente, em outro exercício alquímico na leitura da obra, notamos que a obra não discute apenas o lugar de São Petersburgo na história da cultura russa, mas também sua essência na atividade humana em geral. Entre os fenômenos da cultura, a cidade ocupa um lugar especial, pois ela é a soma da atividade criativa contínua de cada um dos que nela vivem, é um impulso criativo materializado, manifestado no seu conteúdo mais completo inerente a cada pessoa. Surge o paradigma-chave na obra de Pushkin como o desejo do poeta de transmitir a riqueza da vida.

Ele também conhece o fio oposto da existência - eternidade, que aparece como algo petrificado, como desumano e lógico, como um “ídolo”, uma estátua humanoide e como uma trágica ousadia do homem de restaurar sua dignidade.

A partir de muitas discussões abstratas de nossos dias, voltaremos ao problema da formação de conceitos relacionados à história de São Petersburgo, fundamental na criatividade de Pushkin.

*“É o que percebemos quando chegamos ao final do primeiro capítulo do poema:
Não é possível desmontar! Enquanto, largo,
A água se estendia por todos os lados!
E, de costas para ele, em sua força,*

³ in Виссарион Белинский, *Его Жизнь и литературная Деятельность*. Михаил Алексеевич Протопопов. Нобель Пресс, p. 43, 2011.

⁴ ibid.

*Acima do curso furioso do Neva,
Em sua altura ainda inabalável,
Sua mão estendida, à direita,
O grande ídolo de bronze em seu cavalo.”⁵*

A versão inicial parece herdar as tradições da poesia do século XVI: os escritos filosóficos e históricos dos maçons, para os quais o foco estava no homem e na natureza, bem como o tema “Pedro, o Transformador” e “a pedra selvagem que esculpiu a grande árvore e um novo homem”.⁶

No texto de Pushkin, “emergir das águas” com uma “cabeça de cobre” não é um monumento e as características ambivalentes que o fazem nascer como elemento ctônico. Na versão final, o Imperador Pedro está em “uma altura inabalável”, é um “ídolo” ascendido.

A história de Pedro permaneceu inacabada, na forma de “textos preparatórios”. Apreciando muito os planos e feitos de Pedro, o poeta coletou todas as suas ações, decretos, leis e criou uma imagem impressionante de um “trabalhador cansado”. Ao ler a história de Pedro, tem-se a impressão de que o Cavaleiro de Bronze, entre seus outros afazeres, pisou nas margens da “liberdade do deserto”, embora saibamos que Pushkin trabalhou na história depois de escrever o Cavaleiro de Bronze, principalmente em 1834-1835.

Entretanto, no poema, Pedro está presente como pessoa: “*Ele, cheio de grandes pensamentos*”, é a criação das suas mãos, a “cidade” com a sua vida multifacetada, pois ainda há outra descrição da face “terrível” do rei, vista pelo triste Eugênio, à qual voltaremos um pouco mais tarde. Aqui deve-se notar a diferença nas avaliações de Pedro por Pushkin e Karamzin⁷, embora os objetivos deste último sejam claramente elevados.

Se a renúncia à liberdade política em certas condições é um sacrifício heroico que um cidadão traz ao bem comum, então a renúncia à independência pessoal, a renúncia de si mesmo, transforma uma pessoa em escravo e, assim, Pedro foi a ideia histórica que Pushkin manteve quando “mudou radicalmente suas visões históricas”. Ele provou que a autocracia de Pedro, antes de algum tipo de tirania, era progressista, uma vez que se opunha às reivindicações dos grandes senhores feudais por uma escravização ainda maior e duradoura do campesinato.

Pushkin reagiu vividamente à publicação da História de Karamzin, onde, no sétimo volume, o historiador argumentou que a autocracia é “um pertencimento necessário à Rússia”, “a única base

⁵ op. cit. *Поэмы (Иллюстрированное издание)*, p. 105.

⁶ in *Мыслители: Владимир Соловьев, Николай Бердяев, Макс Вебер: Сборник статей. Андрей Тихомиров. LAP LAMBERT Academic Publishing*, p. 14, 2020.

⁷ cf. *История государства Российского. Николай Карамзин. Просвещение, 2014.*

para sua integridade, força e independência”.⁸⁹

Na ode à Liberdade de Pushkin, a lei está acima dos “senhores”, limitando o seu poder e faz parte do direito natural do homem.

As opiniões de Pushkin passaram de conceitos abstratos de um sistema ideal de direitos humanos para a realidade russa. Sobre a classe nobre mais próxima a ele, escreveu em 1830:

“O que é nobreza? A classe hereditária mais elevada do povo, ou seja, premiada com grandes vantagens em relação à propriedade e à liberdade privada. Por quem? O povo ou seus representantes. Para qual propósito? Para ter defensores poderosos ou próximos das autoridades e representantes diretos. A educação preparatória é necessária para o trabalho? O que a nobreza precisa aprender? Independência, coragem e honra em geral. Essas qualidades não são naturais? Sim, mas o modo de vida pode desenvolvê-las, fortalecê-las e executá-las da mesma forma que, por exemplo, o amor ao trabalho árduo?”¹⁰

Este programa sumário, no entanto, encontrou concretização diferenciada em obras de arte da vida do próprio poeta. Há muitas páginas da “Viagem de Pushkin de Moscou a São Petersburgo”, dedicadas à engenhosidade e dignidade do camponês russo. Na obra de Pushkin, em sua defesa da dignidade e da independência de um escritor profissional russo, o *pathos* de se tornar um representante da cultura russa se dá no desenvolvimento da personalidade complexa de intelectual russo também foi precedido pelas ideias do século XII, aquelas enormes mudanças sócio-históricas que foram acompanhadas pela quebra de conceitos ideológicos e teóricos. O egoísmo do homem como força antissocial deve ser de benefício público¹¹.

Berdiaev, em seu livro “A Ideia Russa”, escreveu:

“A intelectualidade formada como resultado do caso Pedro adotou o seu universalismo, seu apelo ao Ocidente rejeitou o império, tornando-se uma formação espiritual-social muito especial existente apenas na Rússia.”¹²

O seu surgimento foi preparado pelas grandes ideias do Iluminismo, a formação de pensamento cultural russo deu-se na Maçonaria, que lhe forneceu disciplina ascética da alma, e desenvolveu o ideal universal do indivíduo. A ideia iluminista de egoísmo racional e socialmente útil também criou uma ideia correspondente de comportamento prático, cujo objetivo da vida humana foi declarado ser a felicidade. Ela, como a única realidade percebida sensualmente, opôs-se à penitência e à metafísica.

Esta foi a ideia que fascinou Karamzin: a elevação mental do homem como objetivo das reformas de Pedro¹³. Em suas próprias atividades de desenvolvimento da cultura russa, reformando a

⁸ibid. 187.

⁹ibid.

¹⁰in Пушкин в жизни. Спутники Пушкина. Викентий Вересаев. АСТ, p. 231, 2013.

¹¹in ibid., p. 30.

¹²in О русских классиках. Н. А. Бердяев. Высшая школа, p. 35, 1993.

¹³op. cit. *История государства Российского*, p. 91.

língua russa, a literatura, o negócio editorial, a escrita da história da Rússia – mas Karamzin não estava interessado na reforma da vida do Estado, nem nas condições externas de existência social, nem na tecnologia ou construção naval, mas na “arte de viver”, um objetivo que pode ser alcançado não através dos esforços do governo, mas através das ações de pessoas da cultura, especialmente escritores.

A cultura teve que penetrar na vida privada de uma pessoa.

Se o ideal de Karamzin do período de São Petersburgo é família e ambiente doméstico, para Pushkin, a cidade era um elo no objetivo de uma existência verdadeiramente histórica, um lugar onde o passado encontra o futuro. A cidade ancestral na terra ancestral com os túmulos dos antepassados e, ao mesmo tempo, a casa onde viverão os filhos e netos torna-se um símbolo da continuidade da cultura.

Esta extensa introdução tem algo a ver com o humilde herói do “Cavaleiro de Bronze”? Uma tentativa de comparar o poema de Eugênio com seu autor está infinitamente longe de mim, mas para entender o destino do nobre empobrecido, seu conflito com a “imagem” de cobre, é necessária familiaridade com as ideias daquele século. Na “Introdução” ao poema, a correlação entre a criação de Pedro – a cidade jovem e a vida e obra do poeta é consolidada no texto do poema íntimo “Ele” (Pedro) e “Eu” (autor). No primeiro capítulo, Eugênio fica chocado com os elementos desenfreados, seu olhar está fixo no rio caudaloso, na área inundada onde vive sua noiva, nos que morrem ao seu redor.

No segundo capítulo, após uma descrição da cidade devastada e assaltada pela enchente, após as tentativas infrutíferas de Eugênio de encontrar a casa da noiva e de sua mãe, na memória do mendigo, uma visão do monumento que então se erguia em sua direção, de costas para ele, surge na memória do mendigo, e ele, contornando-o, olha em sua face. Desta vez, ele vê o rosto daquele “por cuja vontade fatal a cidade foi fundada sobre o mar”, o “horror nas trevas circundantes”, e o pensamento de seu poder oculto é terrível.¹⁴¹⁵

A aparência de Eugênio aqui tem apenas um caráter geral, mas também trivial. A paráfrase de Kantemirov, “*uma panela de sopa de repolho e uma casa grande*”¹⁶, foi usada por Pushkin já no romance “Eugênio Onegin”, mas também foi preservada no rascunho de “O Cavaleiro de Bronze”. No romance, essas “bobagens em prosa” que chocam o leitor não poderiam enganar ninguém, já que o leitor conhecia o autor há muito tempo. Mas, no final, Pushkin removeu de sua caracterização de Eugênio todas as características que fundamentavam e privavam sua imagem. O herói é apresentado ao leitor na véspera do dilúvio, ao anoitecer, repleto de reflexões diversas.

¹⁴op. cit. *Поэмы (Иллюстрированное издание)*, p. 109.

¹⁵ibid.

¹⁶ibid. p. 230.

Mas esta também foi a preocupação do próprio Pushkin, que se refletiu em seus diários, artigos e em pensamentos posteriores que Eugênio também possuísse um detalhe notável: “Que Deus pudesse lhe dar mais inteligência e dinheiro, como há pessoas tão vazias e felizes... que desejam inteligência e dinheiro”.¹⁷

Muitas vezes o dinheiro ajuda a pessoa a ser feliz, mas o dinheiro em si não fará uma pessoa feliz. Em uma das versões do poema, o herói Yezersky pensava muito em dinheiro. No programa de vida de Eugênio, o dinheiro está associado ao trabalho, e o trabalho está associado à independência e à honra. Os sonhos de Eugênio são apresentados no estilo de Pushkin de forma breve, mas clara. Afinal, “até os ricos ociosos são felizes”. O que o poeta deveria acrescentar? O paradigma do padrinho e do dinheiro de Pushkin permanece insuperável, semelhante apenas à exigência categórica de Voltaire de respeitar e apoiar materialmente as pessoas com trabalho mental: cientistas, escritores, atores que criam a cultura e a glória da nação:¹⁸

“Não pelos túmulos de reis em Westminster, mas pelos túmulos de grandes pessoas dignas de uma grande nação com respeito e recompensa pelo talento – assim os ingleses superaram os franceses. Na França, essas pessoas estão condenadas a nada, e a barbárie gótica é usada contra elas sob o pretexto da severidade cristã.”¹⁹

Esta ideia foi levantada pela intelectualidade da Europa, a partir do Renascimento, e confirmada por enciclopedistas e pessoas comuns.

No primeiro capítulo, durante o dilúvio, vendo a destruição ao seu redor, Eugênio pensa no sentido da vida humana. E no segundo capítulo, ele pensa em um cavaleiro a galope – “segurando meio mundo, possuindo uma vontade fatal”.

A Alma Russa

É interessante notar que Pushkin introduz paráfrases de poemas de Mickiewicz em seu retrato. Pushkin conhecia todo o “ciclo russo” que incluía o trabalho de Mickiewicz. Seu “Cavaleiro de Bronze” é uma resposta à interpretação de Mickiewicz sobre a Rússia.

Parece que esta é uma compreensão restrita do poema de Pushkin, intimamente relacionada aos pensamentos do poeta sobre o destino histórico da Rússia em outras obras.

O tema do fogo e da rebelião permeia ambos os heróis do poema. Não é só “o cavalo é fogo” de Pedro, ou “o rosto do rei está em chamas de fogo”²⁰, mas também a “chama” que percorreu o coração de Eugênio.

¹⁷ibid. 11.

¹⁸ibid.

¹⁹*Oeuvres complètes de Voltaire. Tome 14, Siècle de Louis XIV*. Voltaire. Hachette Livre BN, p. 311, 2013.

²⁰op. cit. *Поэмы (Иллюстрированное издание)*, p. 129.

Na viagem de Moscou a São Petersburgo, o autor regozijou-se com o bom caminho construído pelos empresários privados, o desenvolvimento do comércio e da indústria em Moscou, a inteligência do camponês russo e orgulhava-se da ciência e da literatura russas. Tais aspectos são diretamente ligados ao sonho de Eugênio de um trabalho honesto, de um “abrigo humilde e simples”, onde possa acalmar a sua noiva, não é nada mesquinho nem egoísta, embora o autor enfatize a pobreza do seu herói. A palavra “abrigo”, onde Eugênio gostaria de viver a sua vida, será repetida novamente mais tarde, quando, depois da enchente, tudo voltou à mesma ordem. Estes não eram tanto sonhos teóricos formalizados, mas conceitos como um sentido profundo da vida, enraizado nos fundamentos da personalidade, nutridos pela necessidade geral de liberdade.

A Tragédia

A tragédia de Eugênio, que perdeu entes queridos, abrigo e felicidade, não é mesquinha. Alguns chamam a atenção para o fato de que, durante os anos de trabalho no “Cavaleiro de Bronze”, Pushkin voltou-se para a “história de Jó”. E a sua rebelião no poema não é apenas um lampejo de confusão na consciência do herói.

No poema de Pushkin, a vida, o destino e a morte de Eugênio são levantados pelo autor segundo o destino da “cidade de Pedro”. Vale ressaltar que, na descrição do desastre natural no Cavaleiro de Bronze de Pushkin, há definitivamente motivos sociais – a natureza e o seu destino dependem aqui das ações humanas.

O destino humano não é um componente menos importante na história do paradigma do poeta, incomum e profundo em comparação com as visões do homem moderno sobre a nação, nacionalidade nas pessoas comuns. Conceito histórico

A opinião de Pushkin tomou forma em reflexões sobre o destino da cultura russa e seus portadores, sobre a interação de diferentes culturas, em busca de uma saída aos conflitos sociais mais complexos.

Este valor é um elemento essencial no conceito histórico de Pushkin, nas suas reflexões sobre o destino humano. E, provavelmente, o conflito essencialmente trágico do “Cavaleiro de Bronze” pode ser entendido como a desunião das forças russas na questão da construção comum, na qual Pedro, o Grande, e Eugênio deveriam ter sido aliados, e não inimigos.

A necessidade de leis civis e morais expressa o fracasso do homem e do cidadão, que parecia tão relevante no século XIX. Em 1945, olhando para a derrota da Alemanha, Thomas Mann disse:

“A tragédia eterna, a maldição que repousa sobre toda a história alemã, é a confirmação e o aprofundamento da distinção de Lutero entre os conceitos de liberdade espiritual e política, evitou que o elemento político se tornasse parte integrante do conceito alemão de cultura. Onde

*a arrogância do intelecto se combina com a inércia espiritual e a falta de liberdade, aí aparece o diabo. O diabo de Lutero, o diabo de Fausto.*²¹

O estudo da possibilidade de Pushkin continua, e por trás da história do desastre natural de 1824 emergem traços de história e personalidade – o que, para um alquimista, é uma inesgotável fonte de aprendizado.

²¹Das Thomas Mann House: Politischer Denkort am Pazifik. Nikolai Blaumer, Benno Herz. Wallstein, p. 98, 2023.